

A VOZ DO OPERÁRIO

SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO E BENEFICÊNCIA

A photograph of a classroom with children sitting at tables, engaged in educational activities. The children are of various ethnicities and are focused on their work. The room is bright and organized, with shelves and storage units in the background.

PROJETO EDUCATIVO 2016 – 2019

Aprovado pela Direção em 1 de setembro de 2016

Este projeto educativo encontra-se organizado em 3 partes:

[A] Introdução

[B] Fundamentação

[C] Operacionalização com definição de objetivos

Na Introdução é feita uma apresentação genérica das valências da Voz do Operário e são introduzidos os princípios orientadores que regulam a nossa ação educativa.

Na Fundamentação são apresentados teoricamente os 4 eixos que sustentam este projeto:

Perspetiva Sociocultural

Processos e Instrumentos

Interação Escola-Comunidade

Desenvolvimento Profissional

Por fim, na Operacionalização, são apresentadas as propostas que utilizamos para concretizar a nossa ação nos diferentes níveis apresentados com a definição clara dos objetivos propostos.

*Este Projeto Educativo resulta do trabalho
conjunto dos trabalhadores da Voz do Operário.
Obrigado a todos.*

[A] INTRODUÇÃO

O Projeto Educativo abrange todas as valências e todos os equipamentos da Voz do Operário que são, no início da sua vigência, os seguintes:

	Valência			
	Creche	Pré-Escolar	1.º	2.º Ciclo
Equipamento	Graça	X	X	X
	Ajuda		X	
	Ajuda	X		
	Restelo	X	X	
	Laranjeiro	X	X	
	Lavradio	X	X	
	Baixa da Banheira	X ¹	X	

Cada equipamento/valência operacionaliza o Projeto Educativo considerando a sua especificidade, os Planos de Trabalho de Turma, os Projetos Curriculares de Grupo e o Plano Anual de Atividades do respetivo equipamento. Para o desenvolvimento do Projeto Educativo, a Voz do Operário conta ainda com o apoio de uma equipa multidisciplinar (psicólogos, professores de apoio, terapeuta da fala). A ação destes diferentes intervenientes tem como objetivo fundamental o apoio ao desenvolvimento do Projeto Educativo.

Na base do desenvolvimento deste projeto estiverem 8 princípios. Estes são os princípios orientadores da ação educativa:

- A ação educativa centra-se na diferenciação do trabalho de ensino e aprendizagem respeitando as diferenças entre as crianças, os seus interesses, ritmos e estilos de aprendizagem;
- A aprendizagem é algo que permanece, que se automatiza, que se constrói, mas sobretudo é entendida como algo que se interioriza a partir da interação social;
- As crianças intervêm na comunidade educativa como fonte de conhecimento para os seus projetos de estudo;
- Cada grupo só alcança os seus objetivos escolares se cada elemento alcançar os seus;
- O conhecimento constrói-se pela planificação e avaliação do percurso realizado, explicitando aos outros como se fez;
- A prática democrática de organização da vida na escola institui-se em Conselho de Cooperação Educativa;
- A gestão dos conteúdos a aprender é feita de forma compartilhada entre crianças e adultos;
- As diferentes perspetivas pedagógicas dos trabalhadores da instituição são o motor do desenvolvimento da prática pedagógica refletida em comunidades de aprendentes.

¹O equipamento da Baixa da Banheira acolhe a valência creche e a valência creche familiar. As orientações preconizadas no presente Projeto Educativo aplicam-se de igual forma ambas as valências.

[B] FUNDAMENTAÇÃO

A proposta concreta de trabalho veiculada pelo presente Projeto Educativo pretende estimular o diálogo, a discussão e a cooperação como modos preferenciais de aprendizagem. Ao longo do projeto ficará claro que a palavra **participação** serve de palavra aglutinadora para descrever o trabalho de aprender. Os contextos de aprendizagem são organizados de forma consciente, permitindo, a quem aprende, a participação progressivamente mais central e autónoma numa comunidade de aprendentes.

Perspetiva Sociocultural

A construção do conhecimento é entendida como um processo de interação social compartilhado entre os diferentes atores. Esta interação dá-se em contextos socialmente definidos, onde a sala de aula é um meio privilegiado para a participação das crianças em práticas culturalmente organizadas com ferramentas e conteúdos culturais. A comunicação e a construção de novos conceitos ocorrem em práticas nas quais a linguagem desempenha um papel fundamental. É por meio da linguagem que as versões sobre o conhecimento se constroem e é através dela que se desenvolve o pensamento. Deste ponto de vista, a aprendizagem é um processo distribuído entre professor e aluno, interativo e contextual. A principal meta a ser alcançada pelas crianças é a da apropriação dos recursos da cultura através da participação com outros mais experientes em atividades conjuntas imersas nessa própria cultura.

A aprendizagem em colaboração e co-construção não se resume exclusivamente à interação entre professor e aluno. A interação entre pares é reconhecida como um contexto social privilegiado de partilha e construção de significados, em que se põem em prática mecanismos como os de expressão e de reconhecimento de pontos de vista, criação e resolução de conflitos, entre outros. É, portanto, um processo no qual a diversidade presente em todas as crianças representa um papel exclusivo e absolutamente necessário como fonte de desenvolvimento cognitivo e social. Nesta conceção, o conhecimento e o pensamento são sempre atividades socioculturais onde adultos e crianças estão conjuntamente envolvidos em argumentar, medir, observar e também a ler, escrever e quantificar.

Estas atividades cumprem o seu objetivo fundamental que é o de informar e comunicar.

Para além de desenvolver conhecimentos, técnicas e procedimentos, também se constroem redes de comunicação interpessoais, desenvolvem-se modos de relações sociais e práticas de trabalho em cooperação.

Processos e Instrumentos

Para o desenvolvimento desta perspetiva é preciso sublinhar os processos de apoios às aprendizagens. Estes são realizados mediante um conjunto de procedimentos e instrumentos de regulação da atividade conjunta, quebrando a ditadura imposta pelo modo simultâneo (as mesmas atividades para todas as crianças realizarem ao mesmo tempo, com o mesmo ritmo, etc.). Estes apoios só são possíveis graças à negociação e ao estabelecimento de objetivos de trabalho coletivos e individuais, previamente acordados, que serão objeto de monitorização sistemática, quer pelo adulto quer pelas crianças. A apropriação de objetos de conhecimento e de ferramentas culturais pressupõe que essas ferramentas sejam

incorporadas através da atribuição de sentido, incorporadas no repertório de práticas e a sua utilização compartilhada com os restantes membros da comunidade.

Os processos de troca e negociação no seio das aprendizagens realizam-se por meio de participação guiada. Esta supõe o professor como guia e suporte para as aprendizagens das crianças. Ao mesmo tempo que participa nas atividades com as crianças também lhes disponibiliza diferentes tipos de ajuda, de acordo com o que cada um mais precisa, construindo pontes entre o nível de desenvolvimento atual e níveis de desenvolvimento mais complexos, estruturando a participação das crianças e transferindo o controlo da atividade, gradualmente, até que sejam capazes de a realizar autonomamente. Frequentemente, colegas mais competentes são também eles um recurso para o desenvolvimento das aprendizagens. Nunca é demais reforçar que, em qualquer interação as influências são recíprocas. O que significa que o resultado de uma atividade conjunta será sempre um produto comum.

Interação Escola-Comunidade

Imersa nesta perspetiva sociocultural, a escola é um espaço social onde as responsabilidades de formação, aprendizagem e desenvolvimento são cooperativamente partilhadas entre os vários atores educativos. Se é evidente que educadores, professores e crianças fazem parte desta comunidade, não é menos evidente que as famílias e os trabalhadores não docentes bem como, as estruturas e organizações locais também o fazem. Neste contexto, é responsabilidade da escola incentivar novas formas de parceria com todos os atores da comunidade educativa, quer através da sua efetiva participação e corresponsabilização no desenvolvimento do projeto educativo de escola, quer através de outras formas de envolvimento na escola. Importa realçar a importância do envolvimento familiar e os impactos positivos quer para as crianças, quer para famílias, educadores e professores. Para as crianças verifica-se um maior acompanhamento escolar e conseqüente valorização da escola e uma atitude mais positiva face à mesma. Os pais sentem-se mais apoiados, compreendem melhor as necessidades das crianças e o processo educativo, desenvolvem expectativas mais positivas em relação ao sucesso escolar dos seus filhos e um maior sentimento de competência e de segurança face à escola. Por fim, os professores desenvolvem uma maior compreensão da diversidade das famílias e das suas necessidades aumentando a rede comunicativa e a satisfação face ao acompanhamento dado às crianças. O aprofundamento desta relação leva ao estabelecimento de denominadores comuns que favorece o desempenho dos adultos nos seus respetivos papéis.

Desenvolvimento Profissional

Do desenvolvimento da perspetiva socioconstrutivista, emerge o ofício de professor como uma prática social onde os professores constituem comunidades de práticas que asseguram a construção, a manutenção, o desenvolvimento e a inovação das próprias competências profissionais. Deste ponto de vista, é necessário considerar como unidade de análise privilegiada a comunidade de práticas dos professores integradas num projeto educativo institucional. Apenas através da construção de um património de conhecimentos, competências e modos de agir compartilhados podem nascer projetos de desenvolvimento profissional. A interação dialógica permite que se criem novos significados, relações e ações,

que são co-construídas através da interação desenvolvida dentro de cada comunidade educativa e interiorizadas pelos diferentes intervenientes.

Se podemos dizer que o ensino consiste em apoiar as crianças na sua zona de desenvolvimento potencial, importa não esquecer que também os professores constituem comunidades de práticas e que também precisam de oportunidades de apoio para desenvolverem a sua prática profissional. Para que estes apoios sejam efetivos é igualmente necessário que sejam disponibilizados na sua zona proximal de desenvolvimento profissional. É dentro desta perspetiva que os professores da Voz do Operário são desafiados e apoiados no desenvolvimento da sua prática profissional.

[C] OPERACIONALIZAÇÃO

Perspetiva Sociocultural

Entendemos o processo de aprendizagem como um caminho de duas vias, circulando de forma espiral entre os intervenientes, tendo como combustível dessa circulação o contributo de todos os que participam nesse processo. Como adultos somos responsáveis pela organização de ambientes educativos que facilitam o trabalho intelectual. Impera a disponibilidade e a capacidade de adaptação às necessidades do grupo, ao mesmo tempo que vemos na heterogeneidade e no conflito sociocognitivo a força motriz do desenvolvimento. Para que tal se concretize, os valores que preconizamos junto das crianças, mais do que uma mera tentativa de influência na geração de adultos do futuro, são a vivência na relação entre os adultos do presente.

Em resumo:

- Em cada fase do planeamento do trabalho procuramos explicitar o contributo de cada elemento do grupo;
- Sempre que iniciamos ou reorganizamos um grupo em grupo, iniciamos um processo de reflexão e (re)validação dos suportes utilizados;
- Desenvolvemos relações promotoras da criação, aquisição e exploração do conhecimento;
- A influência sistemática e mútua visa o desenvolvimento de todas as crianças.

Processos e Instrumentos

Para garantir uma monitorização adequada do desenvolvimento do trabalho educativo utilizam-se processos e instrumentos em dois planos: um primeiro plano intimamente relacionado com os aspetos institucionais e as políticas educativas, onde a responsabilidade é maioritariamente dos adultos, e um segundo plano relacionado com a conquista de autonomia pelas crianças e com a diferenciação pedagógica que respeite a individualidade de cada criança, onde a responsabilidade é partilhada entre crianças e crianças e adultos. Assim, para organizar a vida na Voz do Operário utilizam-se os procedimentos e instrumentos que passamos a descrever.

Vida da Instituição – Responsabilidade dos Adultos

Projeto Educativo

O Projeto Educativo é o documento que firma a identidade pedagógica da nossa Instituição. Desenvolvemo-lo com toda a comunidade educativa por ser o documento que traduz o trabalho que nos propomos realizar com as crianças. Traduz as linhas orientadoras da Escola, a forma como entendemos a Escola e, intrinsecamente, aquilo a que nos comprometemos. É um documento de trabalho, de fácil acesso, e está disponível para consulta. Elaboramo-lo em cooperação, com toda a comunidade educativa, para um período de 4 anos. No início de cada ano letivo utilizamos o Projeto Educativo para contextualizar os Planos de Trabalho de Turma e/ou Plano Curricular de Grupo e consequentemente o Plano Anual de Atividades.

Concretizamos o Projeto Educativo através do envolvimento das crianças, diretamente ou por interpretação, quando se trate de crianças muito pequenas. Posteriormente devolvemos o trabalho à comunidade. Monitorizamos o desenvolvimento do Projeto Educativo através dos planos anuais de trabalho dos diferentes grupos/turmas.

Plano Trabalho de Turma / Projeto Curricular de Grupo

É com este documento que orientamos o grupo/turma. O documento tem características diferentes em função da valência ao qual reporta. Ele caracteriza e acompanha a turma/grupo, projeta o nosso trabalho, de adultos e crianças, e determina a forma como será desenvolvido, orientando a sua avaliação. Co-construímos os documentos com as crianças, através da sua intervenção direta ou indireta, dependendo da sua idade. Neste plano/projeto planificamos o que pretendemos fazer, como o fazemos e como avaliamos o percurso e o trabalho realizado, para cumprir o desenvolvimento curricular.

O documento é do conhecimento das famílias das crianças que integram o grupo e está aberto a pequenas reformulações ao longo do ano. É curto e objetivo e incluímos nele o orçamento necessário para as atividades que implicam gastos acrescidos (deslocações, acampamentos ou acantonamentos, publicação de jornais em papel, produção de material de exposição, etc.).

Plano Anual de Atividades

Com o Plano Anual de Atividades orientamos cada equipamento. A sua elaboração decorre dos Planos de Trabalho de Turma e dos Planos Curriculares de Grupo. Definimo-lo como um documento de planeamento, em função do Projeto Educativo. Ele reflete os projetos de aprendizagem propostos pelos diferentes grupos/turmas, incluindo as saídas e os custos associados. Por norma, enquadrámos as atividades em projetos de trabalho que decorram da planificação cooperada entre adultos e crianças. Enquanto instrumento de gestão e documento diferenciado, o Plano Anual de Atividades obedece a uma lógica de integração e articulação entre os diferentes grupos/turmas, tendo em vista a coerência, eficácia e qualidade do serviço educativo. Assumimos, em cada equipamento, entre todos adultos os adultos envolvidos no processo educativo, o Plano Anual de Atividades, de acordo com a sua especificidade. Velamos pelo trabalho conjunto entre valências e níveis de ensino, a articulação entre diferentes equipamentos e o incentivo à relação entre a escola, famílias e comunidade local.

Entre docentes e técnicos analisamos em reuniões periódicas, os Projetos Curriculares de Grupo, os Planos de Trabalho de Turma e os Planos Anuais de Atividades. Estas reuniões têm a característica de grupo de partilha.

Em resumo

- Entre adultos da escola organizamos o nosso trabalho, assim como o trabalho da escola, de forma a responder às necessidades e características de cada criança e de cada grupo;
- Entre adultos, responsabilizamo-nos pelo envolvimento das crianças na elaboração dos documentos orientadores;
- A coerência do conjunto de documentos orientadores decorre da cooperação entre todos os adultos envolvidos.

Vida do grupo/turma – Responsabilidade do grupo/turma

Consideramos ser nossa responsabilidade garantir que o currículo seja apropriado às crianças. Neste contexto, elas planificam o trabalho curricular conjuntamente conosco. É a partir da clarificação deste compromisso que decorre a gestão cooperada do currículo. Todos os instrumentos de pilotagem e monitorização utilizados nos grupos/turma são elaborados cooperativamente por todos os intervenientes. Todas as crianças têm os seus instrumentos de planificação do trabalho, em função do seu projeto individual de aprendizagem, integrado no projeto coletivo do grupo/turma.

Estas intenções são operacionalizadas em cinco momentos diferenciados de atividades com instrumentos específicos para o seu desenvolvimento:

Conselho de Cooperação Educativa

Com o Conselho de Cooperação Educativa promovemos o exercício direto de participação democrática como motor do desenvolvimento moral, social e cívico. Este conselho pretende alcançar dois objetivos fundamentais: (1) negociar em democracia direta as regras de vida do grupo/turma, tendo como ponto de partida o diário de turma e a análise compartilhada de momentos significativos nas relações entre todos e; (2) planificar e avaliar de forma cooperada o trabalho realizado. Construimos em Conselho de Cooperação Educativa as estratégias necessárias para cada criança, para que ela, com o nosso apoio e dos seus pares, possa chegar aos objetivos comuns de aprendizagem.

Definimos em cooperação espaços e materiais (e.g., ficheiros de apoio ao estudo, material cooperativo), assim como os instrumentos de pilotagem (e.g., registos de presenças, tarefas, produções, listas de verificação, agenda semanal, mapas de apoio em parcerias, listas de critérios de avaliação do trabalho).

Projetos de Trabalho

Os Projetos de Trabalho surgem de situações de necessidade ou de curiosidade que as crianças possam manifestar. Fazemos emergir os conteúdos disciplinares desses percursos de trabalho de aprendizagem.

O tempo de trabalho para a realização de projetos temáticos de estudo, de produção artística, de pesquisa científica ou de intervenção social, decorre do planeamento conjunto. Enquanto adultos orientamos, rotativamente, os grupos de trabalho de forma a assegurar a coerência com o desenvolvimento curricular.

Existem tempos e materiais específicos para apoiar o grupo no desenvolvimento de projetos dos quais, o registo coletivo dos projetos da turma e os roteiros de trabalho são exemplos.

Como comunicamos?

Definimos coletivamente a apresentação de produções. É durante os momentos de comunicação que os autores se predispõem à reflexão crítica dos seus pares e são avaliados os efeitos da informação apropriada por cada um dos participantes na sessão.

Plano Individual de Trabalho e Tempo de Estudo Autónomo

Cada valência prevê, de acordo com as suas características, tempos de estudo autónomo em sala, destinados ao estudo dos conteúdos disciplinares, ao treino e à produção intelectual. Neste tempo, as crianças guiam-se por um Plano Individual de Trabalho (ou coletivo, em Pré-Escolar) tendo acesso às ferramentas de apoio ao estudo, como por exemplo ficheiros

autocorretivos. Cada grupo/turma define claramente os tempos de estudo autónomo. Sendo um tempo de trabalho de aprendizagem diferenciado, os adultos apoiam, em rotação, as crianças que precisam de apoios individualizados. Preferencialmente estes apoios e parcerias são previamente combinados e registados em Conselho de Cooperação Educativa.

Tempo de Trabalho Coletivo

O tempo de trabalho em coletivo é um momento onde, de forma plenamente participada por todos, construímos e reconstruímos conceitos e saberes a mobilizar em cada área do conhecimento. É neste momento que analisamos coletivamente os erros e as outras inadequações, a partir do trabalho das crianças. Procedemos ainda à construção de enunciados problemáticos e à resolução de problemas em trabalho cooperativo. É também neste momento que procedemos à revisão ou reescrita compartilhada de textos que sirvam as diversas áreas do currículo para a construção das competências respetivas.

Os instrumentos de avaliação são preferencialmente os de monitorização elencados anteriormente. Em determinados grupos/turnas são completados por instrumentos de verificação elaborados cooperativamente. Os momentos de trabalho e os instrumentos de monitorização que os caracterizam assumem características diferentes em cada grupo/turma. Assim, a forma como estes são utilizados estão explicitados no documento orientador do grupo/turma.

Em resumo:

- Cada grupo/turma utiliza os instrumentos em função das suas características, e das necessidades e vontades das crianças que o constituem;
- Utilizamos os processos e instrumentos como o veículo regulador da aprendizagem;
- Subjacente a todas as aprendizagens está o significado atribuído por cada criança e pelo grupo.

Interação Escola – Comunidade

Temos como responsabilidade mobilizar toda a comunidade educativa para a construção de um projeto educativo comum. Assim, convidamos as famílias para se envolverem no percurso educativo dos seus filhos participando ativamente na vida da escola, que é também a sua escola, a escola de cada família.

Promovemos uma partilha regular dos procedimentos de trabalho entre todos os agentes educativos, tornando a sala de aula um contexto privilegiado de desenvolvimento e aprendizagem aberto à participação de todos. Assim, toda a comunidade educativa tem, no processo educativo, um papel ativo na construção e no desenvolvimento do projeto educativo.

Pretendemos que a nossa escola tenha um papel na formação de agentes de mudança da sociedade, na participação ativa na comunidade. Assim, as parcerias que estabelecemos entre a Voz do Operário e a comunidade têm como objetivo fundamental a apropriação das ferramentas culturais pelas crianças. A escola está por isso dentro da comunidade assim como a comunidade está dentro da escola.

O modelo de trabalho preconizado requer uma forte articulação com as famílias, os vizinhos e as organizações da comunidade local, para que nos assumamos conscientemente como agentes de desenvolvimento. Pretendemos desenvolver uma ligação sistemática entre os diferentes contextos de vida das crianças: na escola, na família, na comunidade e nos círculos que se vão alargando à medida que as crianças crescem.

O envolvimento e a implicação das famílias e da comunidade potenciam a capacidade da escola para conseguir cumprir o seu papel de mediadora e de promotora das expressões culturais das populações que serve.

Relação com as famílias

Vemos a participação das famílias a dois níveis: macro (Instituição) e micro (processo educativo). No nível macro, os diretores dos equipamentos e os diretores pedagógicos promovem encontros e debates com as famílias para explicitar o modelo e as opções pedagógicas da Voz do Operário. Estes encontros servem para garantir o desenvolvimento educativo das crianças de forma dialogada e participada.

Decidimos anualmente, entre setembro e outubro, em conjunto com toda a comunidade educativa, quais os encontros que serão organizados. Para a definição das temáticas destes encontros agendamos uma reunião com as famílias no início de cada ano letivo (setembro). A agenda definida é comunicada através dos meios de comunicação que a Voz do Operário dispõe.

Ao nível micro (envolvimento no processo educativo) cada grupo/turma responsabiliza-se para promover o envolvimento das famílias através de convites a participar no desenvolvimento de projetos de trabalho, em sessões em sala que lhes estão destinadas e também para a partilha dos planos anuais de trabalho ou dos projetos curriculares de turma de cada grupo. Sempre que as famílias se envolvem num projeto de trabalho de aprendizagem de um grupo, estes têm acesso aos instrumentos de monitorização e avaliação do processo em curso e no qual estão envolvidos. Para além destes momentos mais formais promovemos dias previamente combinados com as famílias, para que possam conhecer o trabalho/rotina que desenvolvemos em sala.

Em resumo:

- Dinamizamos três encontros com as famílias (um por período);
- Em cada grupo/turma dinamizamos pelo menos um projeto anual com o envolvimento das famílias;
- Partilhamos todos os procedimentos dos projetos de trabalho com as famílias envolvidas.

Relação entre docentes e não docentes

Os diretores de equipamento e os coordenadores pedagógicos garantem a participação ativa dos trabalhadores não docentes nos encontros e debates com as famílias para explicitar o modelo e as opções pedagógicas da Voz do Operário.

Cabe ainda ao diretor-geral, aos diretores de equipamento, aos diretores pedagógicos e às coordenações pedagógicas agendar um encontro anual entre todos os trabalhadores com o objetivo de partilhar os processos e as intenções educativas da Voz do Operário.

É igualmente responsabilidade dos diretores de equipamento, do diretor pedagógico e das coordenações pedagógicas criar, em modos a definir, grupos de partilha e cooperação que abranjam todos os profissionais de um equipamento.

Em resumo:

- Dinamizamos em cada grupo/turma projetos dos quais fazem parte os contributos dos trabalhadores docentes e não docentes;
- Dinamizamos grupos de cooperação entre os profissionais;
- Agendamos um encontro anual entre trabalhadores docentes e não docentes;
- Anualmente, promovemos uma visita aos diferentes equipamentos no sentido de facilitar a apropriação por todos os trabalhadores dos processos educativos da Instituição.

Relação com a comunidade local

Na nossa conceção de vida na escola, as crianças interpelam e intervêm regularmente nas comunidades locais. Solicitam para as suas salas diferentes agentes comunitários como participantes e procuram fontes de conhecimento para enriquecerem os seus projetos de estudo. Da mesma forma, resultam dos projetos de trabalho de aprendizagem instrumentos de informação e comunicação (jornais, blogs, exposições, comunicações, etc.) que são devolvidos aos pais, aos familiares e à comunidade. Entre docentes, convidamos cada grupo/turma a definir por si próprio como realizar um projeto de intervenção que decorre da análise do contexto onde trabalha.

A Instituição estimula os grupos/turma, sozinhos ou agrupados, a desenvolver parcerias com a comunidade com a qual interagem em duplo sentido: escola-comunidade e comunidade-escola.

Em resumo:

- Em cada valência desenvolvemos anualmente pelo menos um projeto de intervenção na comunidade;
- Anualmente dinamizamos um dia aberto à comunidade;
- Devolvemos, com a frequência considerada adequada, interações com espaços e pessoas da comunidade envolvente.

Desenvolvimento Profissional

Privilegiamos o desenvolvimento cooperado dos profissionais, enquanto estratégia permanente de autoformação. O desenvolvimento coletivo potencia a criação de uma comunidade de aprendentes que permite a construção da identidade pedagógica da Instituição. Consideramos, como trabalhadores que se propõem a executar o presente Projeto Educativo, que, para garantir o seu êxito, é necessário formalizar momentos de

partilha, reflexão e discussão, podendo ter um caráter formal em certas ocasiões, ou menos formal em outras.

Com a reflexão partilhada, em momentos formais e regulares, visamos a facilitação dos processos de cooperação, onde a crítica e a autocritica servem o desenvolvimento de cada um, do grupo e da escola. Para dar cumprimento ao Projeto Educativo e aos projetos de trabalho que dele decorrem em cada um dos equipamentos, os diretores de equipamento e os diretores pedagógicos contratualizam um compromisso com cada profissional visando o seu desenvolvimento. Os diretores de equipamento e as direções pedagógicas incentivam momentos informais de diálogo entre todos os trabalhadores de cada equipamento, proporcionando espaços/tempo favoráveis à interação. Fica ao critério de quem participa em diálogos informais, relacionados com a operacionalização do projeto educativo, partilhar com os restantes o resultado deste diálogo sob forma de um registo simples.

Para o desenvolvimento da nossa prática profissional, propomo-nos a organizar reuniões temáticas (sem ou com moderador) que podem assumir o caráter de um grupo de autoformação cooperada. Estes grupos podem constituir-se entre trabalhadores de equipamentos distintos, sendo que fica ao critério de cada grupo, a definição da sua forma de trabalhar e o registo que é feito do seu trabalho. Sempre que possível, a Instituição facilita a logística interna para a realização destes encontros.

Para facilitar a construção da identidade da Instituição, para além dos respetivos equipamentos, os diretores de equipamento e as direções pedagógicas promovem, duas vezes por ano, um encontro/debate pedagógico. As sugestões e opiniões de todos são consideradas aquando da definição dos temas a debater.

Em resumo:

- Cada trabalhador estabelece um compromisso com a Instituição, promotor do seu desenvolvimento profissional;
- Dinamizamos anualmente dois encontros entre os trabalhadores da instituição;
- Cada trabalhador participa, pelo menos ocasionalmente, num grupo de reflexão, eventualmente num grupo de autoformação cooperada;
- Realizamos anualmente três encontros entre os trabalhadores de cada equipamento.